

A polissemia do prefixo “des-” em substantivos de ação com base em “-ção” e “-mento”

The polysemy of the prefix “des-” in action substantives based on “-ção” and “-mento”

Carlos Gustavo Camillo Pereira*

RESUMO

Este trabalho investiga as acepções do prefixo “des-” em substantivos de ação no Português Brasileiro por meio de uma abordagem da língua em uso e focaliza a importância do contexto para o reconhecimento do sentido que está sendo ativado pelo afixo. Inicialmente, são apresentadas as principais contribuições da Tradição Gramatical Normativa e da Teoria da Linguística Gerativa para a análise do referido prefixo. O corpus utilizado nesta pesquisa foi constituído a partir do mega-corpus eletrônico NILC da Universidade de São Paulo do campus de São Carlos. Os resultados da análise de dados revelam que a acepção do afixo “des-” na língua em uso é altamente influenciada pelo contexto, de maneira que é possível uma mesma palavra possuir sentidos diferentes, conforme esteja em diferentes situações de uso.

Palavras-chave: Prefixo des-; Formação de palavras; Língua em uso; Morfologia; Polissemia.

Recebido em 14 de julho de 2020.

Aceito em 14 de setembro de 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021n61.470>

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / Universidade Federal do Rio de Janeiro, pereiraccg@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-3113-5584>

ABSTRACT

This paper investigates the meanings of the prefix "des" in action nouns in Brazilian Portuguese through an approach to the language in use and focuses on the importance of context for the recognition of the meaning being activated by the affix. Initially, the main contributions of the Normative Grammatical Tradition and the Theory of Generative Linguistics to the analysis of the referred prefix are presented. The corpus used in this research was constituted from the electronic mega-corpus NILC of the University of São Paulo developed on the São Carlos campus. The results of the data analysis reveal that the meaning of the affix “des-” in the language in use is highly influenced by the context, therefore it is possible for the same word to have different meanings, depending on whether it is in different situations of use.

Keyword: Prefix “des-”; Word formation; Language in use; Morphology; Polysemy.

Considerações iniciais

O prefixo des- é amplamente abordado em muitas pesquisas por diversos pesquisadores e investigadores da estrutura da língua portuguesa, os quais vão desde gramáticos tradicionais até linguistas de diferentes perspectivas teóricas. Na maioria desses estudos, há um frequente privilégio para a análise das construções do prefixo com bases verbais e, em um segundo plano, com adjetivos (SCHNEIDER; BIDARRA, 2009), (SILVA; MIOTO, 2009), (DE BONA, 2014), (DE BONA; RIBEIRO, 2018). Em relação ao sentido do prefixo, esses trabalhos pressupõem a existência de diferentes tipos de negações, tal como a privação, a contradição, a separação e a falta, sem apresentar, de maneira clara, uma justificativa para a apreensão da negação em diferentes sentidos. Além disso, a reversão também é elencada como uma das possibilidades significativas do afixo e é atribuída regularmente aos verbos.

É importante destacar que as combinações do prefixo com substantivos são pouco estudadas, sendo, às vezes, ignoradas ou consideradas irrelevantes devido ao fato de serem supostamente improdutivas na Língua Portuguesa contemporânea, o que resulta na massiva discrepância, em termos quantitativos, de trabalhos que se propõem analisar as construções “des- + verbo e/ou adjetivo” e “des- + substantivos”.

A fim de auxiliar no desenvolvimento de maior reflexão quanto ao sentido do prefixo des- em bases substantivas, este trabalho tem, por objetivo geral, estabelecer uma investigação das acepções do prefixo em substantivos de ação. Em adição, o presente trabalho se fundamenta em uma abordagem teórica da abordagem cognitivista que focaliza a análise da língua em uso, em contraste aos estudos de ordem normativa, uma vez que se utilizam de um corpus formado por palavras não transparentes, tais como “desafiar” e “desabafo” e das abordagens de cunho gerativista visto que se concentram mais na prescrição ou previsão de impossibilidade, além de, normalmente, não considerarem que o contexto em que a palavra está inserida seja relevante para a compreensão da acepção que o prefixo está desempenhando.

Os vocábulos que compõem o corpus desta pesquisa foram extraídos do grande corpus eletrônico do NILC da Universidade de São Paulo em São Carlos, que conta com mais de 32 milhões de palavras anotadas gramaticalmente. Além disso, eles são analisados considerando seu contexto de utilização. Dessa forma, investigo a acepção do prefixo “des-” de cada vocábulo considerando os elementos (con)textuais para determinar que sentido está sendo evocado na palavra em questão.

Devido à possibilidade de coletar um grande número de substantivos prefixados em “des-”, reservei uma seção, ao final deste artigo a fim de observar as acepções do prefixo de todos os outros itens lexicais que não foram contemplados no capítulo de análise de dados.

Por fim, acredito que este trabalho, por se basear em uma abordagem cognitivo-funcionalista, que privilegia a análise língua em contextos reais de uso, possua o potencial de proporcionar uma alternativa diferente no que diz respeito à investigação da construção dos itens lexicais.

2. O prefixo “des-” em múltiplas abordagens

Neste segmento, tenho por objetivo analisar pesquisas e trabalhos acadêmicos referentes ao prefixo “des-” a fim de que se torne mais clara a

contribuição que este trabalho visa propor para a compreensão dos sentidos do referido afixo em frente à multiplicidade de pesquisas relevantes já produzidas. Inicialmente, investigo o tratamento viabilizado ao prefixo “des-” em gramáticas normativas do Português de grande difusão no Brasil, sendo estas: Bechara (2009); Cunha e Cintra (2013) e Rocha Lima (2008). Subsequentemente, apresento as propostas dos trabalhos de Silva e Miotto (2009), Oliveira (2004 e 2009) os quais se identificam com a abordagem gerativa. Por fim, apresento as contribuições de Medeiros (2010), de Bona e Ribeiro (2018).

2.1. As contribuições das gramaticais tradicionais para o prefixo “des-”

Em relação à formação de palavras a partir do recurso da prefixação, é evidente as diversas divergências existentes. Assim, há afirmações de que o adequado seria considerar todos os produtos resultantes deste processo como um caso de composição, em vez de derivação. Esse posicionamento de baseia no fato de que muitos prefixos são independentes, uma vez que, de acordo com Cunha & Cintra (2013, p. 98-99), diferentemente dos sufixos, os prefixos, por geralmente obterem sua origem a partir de advérbios ou de preposições, possuem maior autonomia.

É proposto na tradição gramatical que seria possível estabelecer a existência de duas classes de prefixos. A primeira classe seria composta por prefixos que não possuem autonomia, ou seja, só podem ser utilizados a partir da adjunção a uma outra palavra, como no caso do próprio prefixo “des-” e “re-”, tal como em “desacreditar” e “rever”. Dessa maneira, se uma determinada palavra for constituída por meio desse recurso, estaríamos, de fato, diante de uma derivação prefixal. O segundo grupo, no entanto, se dá a partir de prefixos autônomos, ou seja, que também podem funcionar como formas livres, nos termos de Câmara Jr (2006). Assim, os prefixos “vice” e “recém”, como nas palavras “vice-reitor” e “recém-casados” são pertencentes

a estes grupos e, por isso, os vocábulos resultantes a partir de sua utilização seriam casos de composição.

Mais especificamente em se tratando do prefixo “des-”, o ponto de discussão central entre os gramáticos tradicionais é se ele deve ser considerado, ou não, como uma variante do prefixo “dis-”. A fim de aprofundar essa questão, Bechara (2009, p. 366) estabelece que o prefixo “des-” é, de fato, uma mera variante do prefixo “dis-”. Além disso, o gramático elenca 5 acepções para o referido afixo sendo elas: negação, ação contrária, cessão de um ato, ou de estado, ablação e intensidade) e cita como exemplo as seguintes palavras: desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear [=fazer muito feio], desmudar [=mudar muito] (BECHARA, 2009, p. 367). Há dois grandes inconvenientes nas explicações semânticas do gramático. A primeira é que ele não explica a qual das duas variantes os sentidos pertencem, além de se utilizar de palavras, cuja transparência é questionável para fundamentar as acepções estabelecidas. Por fim, o gramático também propõe que o prefixo “de-” também seja uma variante de “des-” e “dis-” e propõe mais quatro acepções: movimento para baixo, separação, intensidade e negação, exemplificando por meio das palavras “depenar” e “decair”

Indo de encontro com as proposições de Bechara, Cunha e Cintra (2013, p. 99) estabelecem que os prefixos “des-” e “dis-” são diferentes e, como consequência, não devem ser concebidos como um caso de variação. Especificamente em relação às acepções, é proposto que o afixo “des-” possua dois sentidos: separação e ação contrária, ao passo que o prefixo “dis-” e suas variações “di-” “dir-” possua três: separação, movimento para os lados e negação. Para exemplificar, Cunha e Cintra propõem os vocábulos “desviar” e “desfazer” como produtos da utilização de “des” e as palavras “dissidente”, “distender”, “dilacerar” e “dirimir” como resultado da adição do prefixo “dis-”¹.

1 É curioso o fato de os gramáticos Cunha e Cintra não atribuírem noção de negação ao prefixo “des-”. Dessa maneira, como se analisa a acepção do prefixo nas construções “desleal”, “desonesto” e afins? Acredito que dificilmente seria analisado como um caso de ação contrária ou separação.

Também em dissonância com Bechara e em acordo com os gramáticos Cunha e Cintra, Rocha Lima (2008, p. 203) enfatiza que “des-” e “dis-” se tratam de prefixos diferentes. Assim, em relação ao primeiro afixo, o gramático propõe quatro sentidos: separação, privação, ação contrária e negação, sendo exemplificadas nas palavras “desfazer”, “desfolhar”, “desmascarar”, “desonesto”, “desprotegido”, “destravar” e “desumano”. Em relação ao segundo, são propostas duas acepções: movimento para diversos lados e ação contrária, em relação aos exemplos, são viabilizados os seguintes vocábulos: “discordar”, “discutir”, “disseminar”, “disjuntar” e “distender”

2.2. A Linguística gerativa e a hipótese da seleção categorial

Em relação aos processos de prefixação, diferentemente do que propõe a tradição gramatical normativa, Silva & Miotto (2009) estabelecem, em suas proposições, que os prefixos selecionam rigidamente as bases categoriais às quais irão se combinar. É importante estabelecer que essa singularidade é reconhecida como sendo uma propriedade dos sufixos. Por esse motivo, Gonçalves (2011) afirma que o sufixo “-mente” se junta apenas aos adjetivos de gênero feminino para formar advérbios. Assim, não seria possível, por exemplo, utilizar este sufixo para construir advérbios a partir de substantivos, verbos e adjetivos masculinos.

Os linguistas Silva & Miotto formalizam sua proposição ao estabelecer que a seleção categorial do prefixo envolve necessariamente certas características semânticas da palavra base. Além disso, essa proposta se baseia nas análises de prefixos nas línguas eslavas conduzidas por Syenonius (2004). Adicionalmente, os linguistas afirmam que a hipótese de que os prefixos selecionam a base não resulta em um custo adicional ao falante uma vez que o mesmo princípio se aplica na sintaxe, uma vez que um verbo seleciona seus argumentos.

Segundo Silva & Miotto (2009, p. 15-17), um dos principais motivos para aderir a essa proposição seria o fato de ela evitar a ambiguidade estrutural. Para isso, utiliza-se, como exemplo, a palavra desmobilização que

pode ser representada, segundo os autores, por meio de três possibilidades de processos de derivação que assim se seguem: “[[[des[mobil]]iza]ção]”; “[[des[[mobil]iza]]ção]” ou “[des[[[mobil]iza]ção]]”.

Os autores afirmam que, pelo fato de o prefixo “des-” ser altamente produtivo em verbos, como em: desfazer, desconectar, descombinar, desinfetar, destelhar, reconsiderar etc. e “desmobilização” possuir a noção semântica de reversão de uma ação, o correto seria afirmar que o processo de estruturação adequado seria o proposto na segunda configuração supracitada. No entanto, como o prefixo “des-” também é produtivo em adjetivos no Português, como nos exemplos: desnecessário, desleal, deselegante, desigual etc., é possível compreender que o processo derivacional em “A” também seria possível. Dessa forma, para afirmar a validade de sua proposta de seleção categorial, os linguistas propõem que há dois prefixos homônimos na língua portuguesa.

Nas palavras de Silva & Miotto (2009, p. 17) caso um prefixo se combine a um verbo, seu sentido seria uma reversão de processo; contudo, se a adjunção ocorrer com um adjetivo, o sentido é um tipo de negação. Dessa maneira, há vocábulos como “desleal”, que possui o significado próximo a “sem lealdade”, porém em “desfazer” não há a possibilidade de interpretar esta palavra como “sem (não) fazer”. Por este motivo, os linguistas afirmam que é possível hipotetizar a existência de pelo menos dois prefixos “des-” e, por esta razão, deveria haver duas entradas para ele no dicionário de morfema no Português. O primeiro seleciona verbos e significa uma reversão e o segundo significa negação, mas, neste caso, se adjunge a adjetivos.

Em se tratando do argumento semântico, De Bona e Ribeiro (2018) afirmam que a categorização semântica aparentemente encontra respaldo no Português uma vez que o prefixo “des-” se adjunge a verbos que possuam uma semântica de processo, como em “desfazer”, “desnivelar”, “desconstruir”, “desligar” e “desarrumar”. Nesses casos, a noção de reversão de processo é clara. No entanto, o mesmo não ocorre com verbos que não expressam processos, o que impossibilita a formação de verbos como “desmorrer”,

“deschegar”, “desnadar”, “desandar”² etc. assim, a inviabilidade de usar o prefixo des- realmente é determinada pela incompatibilidade semântica com a base verbal. Porém, é importante estabelecer que, ainda assim, a proposta de Silva & Mioto (2009) ainda não está apta para proporcionar uma resposta definitiva quanto a este problema uma vez que De Bona & Ribeiro (2018, p. 615) examinam que há verbos como “gostar”, “crer”, “amar” que licenciam formações com prefixo “des-” e, quando isso ocorre, o sentido estabelecido não é uma reversão de processo e sim uma negação³. Se houver a adoção plena das propostas de Silva & Mioto, como haveríamos de analisar estas formações?

De Bona & Ribeiro viabilizam uma outra alternativa a qual estabelece que os verbos de estados e alguns verbos de ação disparam a mesma noção semântica que um adjetivo, que seria uma negação. Por esta razão, não é válido pressupor que as noções de reversões e negações estão automaticamente associadas às categorias dos verbos e dos adjetivos, respectivamente, uma

2 Quanto a esta afirmação, discordo de De Bona & Ribeiro (2018), uma vez que o verbo “desandar” é de uso consagrado no português brasileiro contemporâneo, sobretudo no que diz respeito às interações em contextos culinários, em que é comum ouvir frases como “mexa o molho sem parar, para não desandar” e afins. Além disso, objetivando fundamentar minha posição, baseio-me nas definições deste propostas por Fernandes (1972, p. 196) que estabelece o vocábulo “desandar” como: “Transitivo – Fazer andar para trás: “DESANDA a carruagem, e para à porta de outra hospedaria.” (Camilo, *Esqueleto*, 196.) / Percorrer em sentido contrário: “Um pouco adiante, DESANDEI o caminho e guiei para casa.” (M. Assis, *Brás Cubas*, 148.) “Andando e DESANDANDO um só caminho, proveito não alcança.” (Rui, *Estalante clássica*, 25.) [...] / Intransitivo – [...] Tornar, voltar retroceder: “Parece que chegou a DESANDAR para casa.” (M. Assis, *Outras relíquias*, 11.)

3 Também nesta situação discordo dos exemplos viabilizados por De Bona & Ribeiro (2018), uma vez que os verbos enumerados não possuem apenas sentido negativo, mas também licenciam uma interpretação reversiva, conforme pude analisar no dicionário eletrônico Houaiss (2001). Mais especificamente, em relação ao verbo “desgostar” são elencadas quatro acepções, das quais a segunda é descrita como “não gostar; deixar de sentir simpatia; amor por; desafeiçoar(-se), desestimar(-se); adicionalmente, “descreer” também é descrito a partir de quatro acepções, sendo a segunda “não acreditar ou deixar de acreditar” e, por fim, o verbo “desamar”, de acordo com o referido dicionário, possui três acepções, sendo a primeira “deixar de amar(-se); não (se) amar”.

vez que é necessário, primeiramente, analisar a semântica da palavra base. Com base nestas proposições, os linguistas De Bona & Ribeiro determinam que a postulação da existência de dois prefixos “des-” homófonos perde a credibilidade visto que o sentido do prefixo não é necessariamente diferente quando a categoria gramatical não é a mesma.

Ainda, em uma perspectiva gerativa no que diz respeito à formação de palavras, Oliveira (2004 e 2009) propõe, assim como Silva e Miotto, que o prefixo “des-” seleciona semanticamente as bases a que se unem. Isso quer dizer que o sentido do prefixo é pré-determinado sistematicamente por meio da configuração morfológica da palavra a qual o afixo se adjungiu.

No que se refere aos dados de sua pesquisa, a linguista explica que foram listadas cinquenta e cinco palavras de bases substantivas, cinquenta e cinco de bases adjetivas e setenta de bases verbais, todas coletadas a partir de jornais, de revistas e do Dicionário Novo Aurélio (1999), porém não houve explicações sobre os procedimentos adotados para a extração de dados, nem mesmo sobre o nome e as edições dos jornais e das revistas consultadas. Além disso, não há informações se as palavras coletadas são todas transparentes para o falante do Português Brasileiro contemporâneo.

Quanto às bases substantivas, Oliveira (2004, p. 94) realiza a análise das palavras fora de seu contexto de utilização e explica que o prefixo “des-”, quando acoplado a substantivos abstratos primitivos como nos pares “afeto/desafeto”, “serviço/desserviço” e “fortuna/desfortuna”, o sentido seria de “ausência de” ou “falta de”⁴. Caso o referido afixo esteja

4 Afirmando que o prefixo “des-”, quando adjungido a substantivos primitivos, significa apenas “ausência de” ou “falta de” é um posicionamento muito arriscado, uma vez que, por exemplo, na frase “Bolsonaro ‘fez desserviço’ ao criticar isolamento...” indica justamente que uma ação foi realizada, o que vai de encontro com a proposta adotada pela linguista. Dessa forma, enfatiza a fragilidade das análises que se propõem a analisar palavras prefixadas alheias de seu contexto de utilização. Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/26/bolsonaro-fez-desservico-ao-criticar-isolamento-contracoronavirus-e-medidas-de-doria-sao-insuficientes-diz-lider-comunitario-de-sp.ghtml>

adjungido a substantivos derivados pelos sufixos “idade”, “mento”, “ão”, “ção” ou “ança”, como em “desvalorização”, “desaparição”, “desunião”, “descomplementaridade”, “dessemelhança” entre outros, o sentido passa a ser de “contrário de”. Em substantivos deverbiais formados por derivação sufixal zero, como nas palavras “desacordo”, “descarga”, “desacerto” e “desgoverno” o sentido também se mantém como “contrário de”.

Por fim, a pesquisadora, com base nesta análise, propõe que a RFP do prefixo “des-” acoplado a uma base substantiva possua dois produtos “a) um substantivo derivado que significa ‘ausência ou falta de X’, em que X é o substantivo primitivo e b) um substantivo derivado com o sentido de ‘que é o contrário de X’, em que X é o substantivo verbal.” (OLIVEIRA, 2004, p. 95).

É curioso notar que, para a autora, os substantivos derivados em “des-” nunca possuirão sentido reversativo, independentemente do seu contexto de uso, uma vez que a Regra de Formação de Palavra formalizada não prevê essa possibilidade. Como explicar, então, casos como “a desmontagem de automóveis é trabalhosa”? Seria viável interpretar “desmontagem”, neste contexto, apenas como “o contrário de montar”?

2.3. O argumento interno do verbo e os traços semânticos de Lieber

Medeiros (2010), ao abordar a descrição do prefixo “des-”, se apoia nos pressupostos da morfologia distribuída proposta por Hale (1993) e Marantz (1993 e 1997). Além disso, o linguista discorda das afirmações propostas por Silva & Miotto de que os prefixos selecionam rigidamente as bases às quais irão se unir pelo motivo de que essa proposição aumenta o número de homônimos que, segundo os autores, não possuem relação entre si. (“des-” que atua em verbos e o outro, em adjetivos). Além disso, Medeiros explica que, em se tratando dos verbos, não necessariamente o prefixo “des-” reverte o processo, mas, na verdade, pode negar e/ou inverter um estado que é interno ao verbo.

Dessa forma, o pesquisador propõe que o prefixo supracitado dispõe de uma seleção semântica e não categorial da base. Tal afirmação implica o fato de que, segundo suas proposições, o prefixo nega ou inverte o estado referente à própria significação verbal e não ao processo associado.

Para sustentar suas afirmações, Medeiros explica que, se o prefixo “des-” em desenterrar pressupusesse a ação anterior de enterrar algo, uma frase como “o João desenterrou as raízes daquela árvore” não poderia ser aceitável em situações em que as raízes nunca foram enterradas.

Sua argumentação se desenvolve sob esta linha de raciocínio e, a fim de demonstrar o potencial geral de suas propostas, Medeiros estabelece outros exemplos, como no caso dos verbos “descolar”, “desacordar”, “desorganizar”, “descolorido” que não pressupõem que o evento a que se referem tenha ocorrido anteriormente uma vez que “descolar” não pressupõe que algo tenha sido colado, por exemplo. Assim, Medeiros (2010, p. 98) estabelece que “É tarefa simples imaginar contextos em que usamos os verbos prefixados sem que o evento denotado pelo verbo de base tenha necessariamente ocorrido.”

Objetivando enfatizar suas proposições de que o prefixo “des-” não nega ou inverte um processo, Medeiros explica que verbos típicos que denotam atividade não o aceitam, ainda que haja um ponto final para as ações executadas. Por esta razão, não há possibilidade de construir verbos como *descorrer⁵ (dois metros), *destrabalhar (até o fim de semana), *desdançar (o música), *despular (a cerca), *desgritar (o seu nome) *desfalar (a promessa) e assim por diante. “Tais verbos não implicam, pelo menos não de maneira óbvia, mudança de estado de seu participante (agente), e, portanto, não servem de base para uma derivação que envolva tal prefixo.” (MEDEIROS, 2010, p. 98)

Assim, Medeiros estabelece um sentido único para o prefixo que se refere ao estado interno do verbo. Em se tratando dos adjetivos, o pesquisador

5 O uso do asterisco (*) é utilizado para indicar a ocorrência de uma palavra e/ou frase agramatical, ou seja, que não é considerada aceita por nenhum membro da comunidade linguística de um povo, independente de seu grau de instrução ou procedência geográfica.

afirma que, por terem a função de ligar uma entidade a um estado de valor de verdade, aceitam prefixação com des-. “Alguns nomes de estado, em particular muitos nomes de estados psicológicos (afeto, amor, esperança, alento, ânimo, estímulo, temor, etc.), também aceitam a prefixação.” (MEDEIROS, 2010, p. 116).

Também é importante salientar que os adjetivos e nomes com o prefixo des-, ao contrário do que ocorria com os verbos, não pressupõem o estado denotado pela raiz. Por exemplo, alguém pode estar descontente com alguma coisa sem ter estado contente com ela antes. Isso reforça a ideia de que a pressuposição do estado é uma particularidade semântica dos verbos assim prefixados, não é algo universalmente associado ao prefixo. Como aos adjetivos e nomes discutidos acima não há processo associado, não há um estado inicial a ser desfeito, e, portanto, não há pressuposição de existência de um estado qualquer.

Por fim, o pesquisador postula que, pelo fato de o nó semântico de negação envolver uma noção de estado, espera-se não encontrar o prefixo “des-” em nomes de eventos como *trabalho*, *dança*, *pulo* etc. Também não será utilizado em nomes que designam seres e entidades no mundo como *cachorro*, *gato*, *pedra*⁶, entre outros.

Ainda em relação ao prefixo “des-”, De Bona & Ribeiro (2018) se baseiam nas proposições de traços semânticos desenvolvidos por Lieber (2004) para proceder a análise dos afixos. Os seis traços semânticos propostos possuem valores binários, podendo ser positivos ou negativos. A função principal desses

6 Acredito que essa proposição é passível de ser contestada, uma vez que há registros de utilização de palavras como “desprefeito” e “despresidente” que seriam justamente a adjunção do prefixo “des-” a palavras de que designam seres e entidades no mundo biofísico. Os exemplos podem ser encontrados, respectivamente, em:
<<https://twitter.com/calermarcelo/status/1188811932154978304>> Acesso em 08 de janeiro de 2020 e
<<https://dandomilhoaspombos.wordpress.com/2019/03/29/bolsonaro-o-despresidente-do-brasil/>> Acesso em 08 de janeiro de 2020.

traços, de acordo com os linguistas, é “distinguir as principais categorias ontológicas dos lexemas, assim como conceitos básicos de tempo, espaço e quantidade” (p. 621). Além disso, dependendo do item lexical, os traços podem estar presentes ou ausentes da estrutura semântica, levando em consideração a relevância de seu conteúdo para a descrição do vocábulo analisado.

Dentre os seis traços elencados, o de maior importância é o “Location” (doravante “Loc”) visto que, em itens lexicais cujas noções de tempo e espaço são relevantes, terá este traço positivo; porém, caso estas noções sejam irrelevantes, o referido traço será negativo.

De Bona e Ribeiro (2018), com base nos pressupostos de Lieber (2004), propõem que a ausência do traço “Loc” sinaliza a ideia de falta ou privação na caracterização de determinados verbos, nomes e substantivos que possuem sentido negativo a partir dos afixos derivacionais. Além disso, é interessante notar que as nuances de significado levemente distintas, como privação, negação contrária, negação contraditória e reversibilidade, já são acionadas a partir do traço [-Loc] quando entram em contato com a palavra base a que se adjungem. Dessa forma, “A semântica e o tipo de base ao qual o prefixo vai se adjungir apresentam, pois, um papel fundamental, já que a semântica de cada afixo só poderá ser determinada quando este estiver em contato com sua base” (p. 625).

Dessa maneira, reconhece-se a polissemia dos afixos. No entanto, é argumentado, segundo Lieber (2004), que não há a necessidade de distinguir entre os tipos de negação visto que apenas durante o uso do prefixo em uma base é que sua semântica será denotada. Assim, pode-se afirmar que o prefixo “des” possui diferentes significados, mas é a base selecionada que será responsável por acionar o sentido demandado. Logo, “A interpretação dos vários itens lexicais prefixados negativamente vai depender das propriedades do prefixo juntamente com a natureza semântica do item lexical e de esta poder ou não ser analisada como graduável. Esses afixos, então, podem ser considerados exemplos de uma polissemia construtiva.” (DE BONA & RIBEIRO, 2018, p. 625)

Adicionalmente, é proposto por De Bona (2014) que o prefixo “des-” possui apenas a semântica reversativa como produtiva no português atual; conseqüentemente, os traços semânticos de negação de um estado deixaram de ser produtivos. A fim de sustentar suas propostas, foi realizada uma pesquisa diacrônica com os itens lexicais transparentes precedidos pelo prefixo em questão com o objetivo de atestar que as construções cujos sentidos são de negação tratam-se de palavras com entradas muito antigas no vernáculo da língua portuguesa, ao passo que os que possuem a semântica de reversão da trajetória de um estado permanecem sendo construídos ainda no português contemporâneo.

Em relação aos substantivos, 86% dos que foram analisados são deverbais e foram elencados a partir do dicionário Houaiss 2009. Como resultado, constatou-se que substantivos como “desamor”, “desarmonia”, “desatenção”, “descaso”, etc., palavras estas cujo prefixo “des-” denota semântica de negação, tiveram sua incorporação no vernáculo do Português, respectivamente, em s. XIII, 1844, 1639-1696, 1817-1819 e assim por diante.

Em se tratando dos adjetivos, houve o mesmo sistema de coleta de dados e 81.2% destes são deverbais. Como forma de exemplificação, De Bona & Ribeiro (2018) estabelecem as palavras: “desamigo”, “descontente”, “deselegante”, “desigual” etc. cujas incorporações no léxico da língua ocorreram em s. XIII, s. XV, 1899 e s. XIII.

Por fim, também foram elencados verbos utilizando a mesma metodologia de coleta anteriormente citada. Dessa maneira foram estabelecidos os seguintes exemplos: “desamar”, “desconhecer”, “descreer” e “deslembrar” e suas respectivas inclusões lexicais se deram no século XIII e a última no século XV.

Finalmente, De Bona & Ribeiro (2018), objetivando decretar a improdutividade semântica negativa do prefixo “des-”, recorrem ao corpus de neologismos sobre o afixo em questão desenvolvido por Santos (2016). Dessa forma, as novas criações lexicais, verbais, substantivas e adjetivas, precedidas por “des-”, em sua maioria, carregam a noção semântica de retroação de

um estado ou ação, tendo, por exemplo, palavras como: desinvadir (1996), desacusar (1996), desincentivar (2004), deslavagem (1996), desconversa (1994), desarmador (sem registro), desarquivador (sem registro) etc.

Embora as informações supracitadas apontem para uma possível aparente improdutividade da semântica negativa do prefixo “des-”, o próprio corpus desenvolvido por Santos (2016) aponta neologismos igualmente atuais utilizando-se do prefixo “des-” com a semântica negativa, como nos exemplos: “desacontecimento” (1996), “desimportância” (1994), “desrelação” (1998), “despoliciado” (1997), “descomandado” (1999). No entanto, Santos (2016) afirma que tais formações são “esporádicas” em todo o corpus. Contudo, seria adequado estabelecer que o referido afixo não mais possua sentido negativo pelo fato de, aparentemente, formar poucas palavras “contemporâneas” com essa acepção?

3. Metodologia

Neste segmento, descrevo os processos metodológicos adotados nesta pesquisa. Assim, estabeleço três subseções para este fim. Inicialmente, trato da descrição do corpus selecionado, bem como a justificativa de sua escolha, além de especificar as condições de extração das palavras utilizadas como dados. Adiante, o subseção posterior explica o desenvolvimento das acepções que foram estabelecidas para o prefixo “des-” ao passo que a última seção descreve como ocorre a análise vocabular que emprego neste trabalho.

3.1. A construção do corpus e o processo de extração de dados

As palavras selecionadas para este corpus são substantivos derivados; portanto, adjetivos e verbos não fazem parte desta pesquisa. Além disso, expressões idiomáticas, mesmo que sejam formadas por substantivos, também não constituem meu objeto de análise, como no caso de “cair em desgraça”. A expressão exemplificada é constituída com o substantivo

“desgraça”, mas, pelo fato de que seu sentido é plenamente compreendido apenas considerando toda a estrutura, deliberei por evitar estes casos, além de haver uma extensa literatura que objetiva analisar se estas ocorrências se tratam realmente de expressões idiomáticas ou, na verdade, de uma palavra (BEBER, 2004; HALLIDAY, 2004; LIPKA, 1992), o que certamente não é objetivo de nossa pesquisa.

O substantivo, a fim de que fosse passível de análise, deveria ser transparente uma vez que adotei um recorte contemporâneo do PB. É importante destacar que defino o conceito de transparência utilizado neste trabalho como a interpretação da palavra prefixada de acordo com os significados projetados pelos elementos componentes da construção. Em outras palavras, um falante contemporâneo precisa não só reconhecer a presença do prefixo em um vocábulo, mas também a contribuição do prefixo para o sentido da palavra.

Adicionalmente, itens lexicais como “desenvolvimento”, “descontos”, “descoberta”, “desgaste”, “desempenho” não são de meu interesse, pois acredito que este tipo de palavra pode não ser unanimemente aceito como transparentes para o falante atual, dessa maneira se estabeleceria um contínuo em que algumas palavras seriam ou não reconhecidas como derivadas, além de que estes vocábulos, a depender do contexto, podem apresentar sentidos completamente diferentes quando utilizadas sem o prefixo. Em contrapartida, palavras como “desequilíbrio”, “desaceleração”, “desconforto”, “desinformação” e semelhantes são objetos de minha análise, pois respeitam ao critério da transparência estabelecido a priori e, quando ocorrem sem o prefixo, mantêm o mesmo sentido que fora negado e/ou revertido pelo afixo em questão.

Os dados desta pesquisa foram gerados a partir do grande corpus eletrônico anotado NILC-SÃO CARLOS, que foi desenvolvido pelo Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional da Universidade de São Paulo em São Carlos, que pode ser acessado por meio do AC/CD,

acervo disponibilizado pela Linguateca⁷, projeto mantido por diversas universidades portuguesas e brasileiras. Além disso, o corpus é formado por notícias jornalísticas do Jornal Folha de São Paulo entre os anos de 1994 e 1995 e de textos acadêmicos produzidos pelos alunos do referido núcleo. (NUNES et al., 1996a, 1996b).

Quanto à sintaxe de busca, desenvolvi a formação “[pos=“N” & lema=“des.*”]”. Assim, “pos” (part of speech) refere-se à classe de palavra que decidi procurar, que no caso seriam os substantivos, aqui representados pela letra “N” (noun). Além disso, adicionei a informação ‘lema =“des.*”’ a qual se trata de todas as palavras do corpus iniciadas com “des” apresentadas em sua forma de singular, sem que haja, conseqüentemente, a listagem das variações de gênero e número. Dessa forma, por exemplo, as palavras “desagregadoras” e “desagregadores” seriam ocorrências do lema “desagregador”, evitando a repetição desnecessária do mesmo radical, o que poderia atrapalhar na contagem de substantivos derivados, uma vez que processos flexionais não formam novas palavras (BASÍLIO, 2004, 2007; GONÇALVES 2011).

Por fim, o uso da sintaxe resultou em 1320 substantivos iniciados com “des”. No entanto, este número de ocorrências abrangia também vocábulos não transparentes. Por este motivo, procedi para a coleta manual de todos os resultados obtidos nesta extração e estabeleci, com base nos critérios já elucidados, 100 substantivos transparentes derivados com o prefixo “des-”.

3.2. O desenvolvimento das acepções

Para o procedimento desta análise, decidi adotar quatro acepções para o prefixo “des-”, sendo uma forma de negação, outra de oposição e duas de reversão. Assim, entendo ser o caso de uma negação quando o prefixo “des-” possa ser substituído pelo advérbio de negação “não” ou semelhante

7 Disponível em <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>

sem que haja notável prejuízo em termos de sentido para a palavra em seu contexto de uso.

Além disso, é importante esclarecer que não considero conveniente propor diferentes tipos de negações, como no caso de uma “negação por falta”, uma vez que entendo que o sentido de determinadas palavras base, quando negadas, é que passam a ideia de “falta”, enquanto o prefixo “des-” continua apenas desempenhando o sentido de negação.

A fim de esclarecer minha opção por considerar apenas o sentido da negação, proponho a estrutura “a desnutrição infantil é preocupante”. Nesta frase, a palavra “desnutrição” seria compreendida, conforme já visto em alguns trabalhos analisados na revisão de literatura desta pesquisa, como uma negação por falta, pois é desejado que a nutrição das crianças ocorra; contudo, advogo que a “negação por falta” nada mais seria do que uma inferência, visto que o verbo “nutrir”, por meio do conhecimento enciclopédico do falante, constituído a partir de suas experiências corpóreas (CROFT & CRUISE, 2004), já carrega em si a informação de que essa ação/ato é importante para a existência plena do ser humano. Consequentemente, sua negação obviamente resultaria em um sentimento de falta, o que me faz entender que o prefixo em “desnutrição”, de fato, está apenas negando ao passo que a noção de falta é ativada a partir das conceptualizações do usuário da língua, conforme propõe Langacker (1991).

Chamo de “oposição enfática” as situações em que o prefixo “des” possui caráter expressivo, enfático e/ou estilístico. Nestas utilizações, o referido afixo passa a possuir sentido semelhante ao prefixo “anti”, conforme pode ser observado em “ele presta um desserviço à população”. Ao analisar esta ocorrência, não seria suficiente afirmar que “desserviço” deva ser compreendido simplesmente como um “não serviço”, antes há, por meio do contexto, uma evidência de que se trata de um “serviço ruim” ou um “antisserviço”. Dessa maneira, adoto essa nomenclatura para dar conta das situações em que o prefixo “des-” desempenha este sentido.

No tocante às reversões, concluo que elas podem reverter um processo ou um estado. É importante esclarecer que só será possível reconhecer de maneira eficaz qual tipo de reversão que o prefixo está desempenhando por meio da análise do tipo da nominalização que está sendo prefixada, que pode ser de base verbal ou nominal, além da observação do contexto de uso.

3.3. Procedimentos de análise

Os substantivos analisados foram separados em duas seções, considerando os seus sufixos formadores. Dessa forma, temos as seguintes subseções que constituem a análise de dados: 1 – substantivos deverbais com sufixo em “-ção” e 2 – substantivos deverbais com sufixo em “-mento”.

Deliberei pela criação das subseções considerando a presença dos sufixos formadores apenas por uma questão de melhor organização do trabalho. Acredito que a análise de vinte substantivos sem que houvesse nenhuma segmentação tornaria a visualização dos dados analisados menos intuitiva e mais propensa a apresentar dificuldades. Além disso, não parto do pressuposto de que o prefixo seja categorial, nem encontrei nenhuma evidência de que os sufixos desempenhassem algum papel importante que influenciasse no sentido que será evocado pelo prefixo.

Adicionalmente, antes de analisar o prefixo “des”, entendo ser conveniente analisar qual tipo de nominalização estamos diante, pois, dependendo de sua interpretação, a configuração morfológica da palavra será diferente. Assim, para verificar se estamos diante de uma interpretação verbal, o procedimento adotado será trocar a nominalização por uma forma verbal, geralmente o verbo no infinitivo; caso não haja um tipo de desajuste semântico para o enunciado, significa que estamos diante desta possibilidade de interpretativa. No caso de uma interpretação nominal, conseqüentemente, a nominalização não poderá ser trocada por uma forma verbal e, por fim, também haverá situações em que a nominalização pode assumir as duas interpretações no mesmo contexto a depender da leitura do falante.

Adotei o modelo de análise utilizado por Andrade (2006) e investigo o sentido do prefixo “des-” na palavra, levando em consideração os seus elementos (con)textuais de uso, pois tenho, como uma das hipóteses que fundamentam este trabalho, que apenas analisar a palavra por si só não revelará a polissemia existente no prefixo de maneira adequada.

Finalmente, objetivando justificar a adoção dessa modalidade analítica, proponho a frase: “a desvalorização do professor tem aumentado cada vez mais”. O prefixo utilizado pode ser entendido como a reversão do estado de ser valorizado uma vez que é possível entender que o professor era valorizado e agora não é mais da mesma forma que antes ou como um caso de negação visto que a estrutura “tem aumentado cada vez mais” aponta para um processo de gradação de uma não valorização. Assim, demonstro ser pouco proveitoso o empreendimento da análise do prefixo alheio de seu contexto situacional de uso.

4. Análise de dados

4.1. Nominalização com formação em sufixo (-ção)

(1) Mesmo surpresos com a morte do piloto, esses leitores souberam separar o que era boa informação de informação piegas, inútil ou apelativa, ou ainda mera **desinformação**.

(2) O preconceito e a **desinformação** sobre a doença foram temas tratados no 8º Congresso Brasileiro de Hansenologia que começou anteontem em São Paulo.

Tanto no primeiro como no segundo uso da palavra “desinformação”, estamos diante de uma nominalização de interpretação nominal. Na primeira situação, justifico esta compreensão uma vez que “desinformação” seria o efeito do ato de “desinformar”; além disso, essa nominalização poderia ser substituída pela palavra “engano”. Assim, concluo que essa nominalização não possui o sentido verbal, apenas o nominal.

Na segunda situação de utilização do vocábulo “desinformação”, novamente tem-se o produto concreto do ato de desinformar, resultando, dessa forma, em “preconceitos sobre a doença”. Adicionalmente, a referida nominalização, neste contexto, tem, por sinônimo, a palavra “equivoco”. Assim, não há possibilidade para uma interpretação verbal dessa nominalização. Temos, portanto, a seguinte configuração morfológica: [des[informação]]_s.

Em se tratando dos sentidos do prefixo “des” nestas ocorrências, entendo que sejam diferentes, pois em (1) há um paralelismo semântico proporcionado pela estrutura “os leitores souberam separar o que era a boa informação de [...] informação inútil [...]”. Dessa forma, o afixo possui uma clara ideia de oposição ao que seria uma informação adequada, a ponto de ser adjetivada como “apelativa”. Por esta razão, o prefixo “des-“, neste contexto de utilização, assemelha-se aos sentidos do prefixo “anti-“, ou seja, uma informação ruim.

Na segunda ocorrência da palavra “desinformação”, entendo que se trata de uma negação (por inferência, negação por falta) uma vez que a estrutura “sobre a doença” é utilizada como sendo o elemento negado pela construção “desinformação”, o que dispensa a ideia de que poderia haver uma reversão. Além disso, o prefixo poderia ser trocado pelo advérbio de negação “não”.

(3) Os recursos liberados pelo desarmamento poderão a curto e a longo prazos ser utilizados para reduzir os efeitos da fome e da **desnutrição**.

A nominalização “desnutrição” possui interpretação nominal, pois, neste contexto, ela deve ser entendida como o estado que é efeito da não ingestão de nutrientes necessários ao corpo saudável. Em relação aos aspectos (con)textuais, justifico essa interpretação pelo fato de que a própria estrutura “reduzir os efeitos” já indica que estamos diante do resultado do processo de “desnutrir” e não dessa ação propriamente dita. Como consequência, a nominalização se dá por meio da adição do prefixo diretamente ao nome: [des[nutrição]]_s. Em se tratando do sentido evocado pelo prefixo “des” nesta

palavra, entendo como um caso de negação (negação de falta, por inferência), pois o prefixo nega a palavra base, além de que ele pode simplesmente ser substituído pelo advérbio de negação “não”.

(4) Os bons resultados de fevereiro, segundo o departamento técnico do banco, se devem às liquidações de vestuário, **desaceleração** dos preços de serviços, aluguéis e nas feiras livres.

Nesta ocorrência, “desaceleração” possui dupla interpretação. Em uma perspectiva de interpretação verbal, é possível substituir a nominalização pela forma verbal “terem desacelerado”, resultando na leitura: “os bons resultados se devem a se terem desacelerado os preços”. A interpretação nominal ocorre uma vez que “desaceleração” pode estar se referindo ao resultado do ato de reverter a aceleração dos preços. Dessa forma, há duas configurações morfológicas [[des[acelera]_v]_vção]_s e [des[aceleração]_s]_s.

No que se refere ao sentido exercido pelo prefixo “des” neste contexto, entendo estar diante de uma reversão de estado, pois a estrutura “os bons resultados de fevereiro”, aliada à palavra “desaceleração”, indica que os preços, anteriormente, estavam passando por um acelerado aumento, porém esse estado foi revertido.

(5) Anteontem, a Federação Internacional de Automobilismo confirmou a **desclassificação** do alemão [Michael Schumacher], que perdeu seus pontos da corrida, e ainda o suspendeu por mais dois GPs.

A interpretação da nominalização “desclassificação” admite apenas uma possibilidade, que é a verbal, pois a estrutura “confirmou a desclassificação do alemão” poderia ser substituída por “confirmou ter desclassificado o alemão” ou ainda “confirmou desclassificar o alemão”, o que aponta o sentido verbal presente na nominalização em questão. Por essa razão, a configuração do item morfológico ocorre da seguinte maneira: [[des[classifica]_v]_vção]_s.

O sentido do prefixo nesta ocorrência pode apresentar dois sentidos, tanto uma negação quanto uma reversão de estado. A justificativa para a primeira compreensão se dá por meio da informação textual de que o piloto Alemão “perdeu seus pontos” resultando em sua “não classificação”. Contudo, o elemento textual “e ainda o suspendeu por mais dois GPs” implica a interpretação de que, na verdade, houve uma punição aplicada a Michael Schumacher que resultou na reversão de seu estado anterior que era de “classificado” para “desclassificado”. Dessa maneira, é possível afirmar que ambos os sentidos do prefixo podem ser reconhecidos neste contexto de uso a depender da leitura do falante.

(6) Segundo o tenente Victor Waldemar Raweri, 50, da PM de Limeira, a polícia invadiu o prédio porque os sem-teto haviam se recusado a cumprir um acordo que teria sido feito na noite de sexta para a **desocupação**.

Neste contexto, a palavra “desocupação” possui uma interpretação verbal, dado o sentido processual presente nesta nominalização. A estrutura “um acordo que teria sido feito [...] para [...]” denota que seu complemento necessita de propriedades verbais, ou seja, que expressem um ato e não um efeito. Dessa maneira, a nominalização em questão ocorre por meio da adição do prefixo ao verbo ocupar para, depois, adjungir o sufixo ao verbo, resultando na seguinte construção morfológica: [[des[ocupa]_v]_vção]_s.

Em relação ao sentido do prefixo “des” nesta situação de uso, compreendo como uma reversão de processo, pois a oração “os sem-teto haviam se recusado [...] a cumprir o acordo” indica que o prédio já estava ocupado. Dessa forma, “desocupação” se refere à reversão de ocupar. Por fim, como já explicado anteriormente, o fato de estarmos diante de uma nominalização verbal resulta em uma reversão de processo e não de estado.

(7) Fazer o que muitos de nós fazemos, por exemplo, quando vamos ao Museu Van Gogh, nos detemos extasiados diante das telas do seu período

são e passamos algo compungidos pelos trabalhos da última fase em que a **desorganização** mental do artista se manifesta de maneira tão implacável.

A interpretação da nominalização prefixada em “des-” só pode ser nominal uma vez que, neste contexto, “desorganização” não possui nenhum sentido processual/eventual. Essa afirmação é justificada pelo fato de que o referido vocábulo não pode ser substituído por nenhuma forma verbal, mas é possível que ocorra a substituição com a palavra “desequilíbrio” sem que haja desajuste semântico para o enunciado ou, até mesmo, pela estrutura “mente deteriorada”, o que realça ainda mais o sentido nominal da nominalização. Dessa maneira, a configuração do item lexical se dá pela adição do prefixo diretamente ao substantivo: [des[organização]]_s.

O sentido do prefixo “des-”, nesta ocorrência, é uma reversão de estado uma vez que, analisando o contexto, as estruturas “última fase” e “mente sã” em contraponto com “desorganização mental” revelam que, anteriormente, a cognição do artista Van Gogh estava saudável, mas, posteriormente, ocorreu a mudança desse estado. Além disso, o complemento “de maneira tão implacável” descarta a ideia de processo e reforça o sentido de reversão de estado.

(8) Permitir a proliferação do descrédito do servidor público, dar-lhe atestado de ineficiência, omitir-se diante da campanha de sua difamação, desvalorizá-lo, desmotivá-lo, inculcar-lhe o desprestígio, incentivar-lhe a **desmotivação** e, para culminar, condená-lo a vencimentos aviltantes, significa renunciar à adequada, saudável e necessária boa prestação do serviço público que o país necessita, significa o homicídio doloso da função estatal.

A nominalização “desmotivação” é munida de sentido verbal visto que esse substantivo poderia ser trocado por uma forma do verbo “desmotivar” e constituir o contexto “...lhe incentivando a se desmotivar”. Além disso, os complementos anteriores a esta nominalização, a “difamação”,

a “desvalorização” e o “desprestígio”, são os elementos que atuam como o processo de desmotivação do servidor público, o que resulta na seguinte construção do item lexical: [[des[motiva]_v],ção]_s.

O prefixo “des-”, nesta ocorrência, pode ser entendido apenas como uma negação. A justificativa para essa afirmação se baseia no uso dos elementos a “desvalorização”, a “desmotivação” e o “desprestígio” como resultados de uma “não-motivação” do servidor público. Não entendo essa ocorrência como uma reversão, pois o complemento “a proliferação do descrédito do servidor público” aponta para a compreensão de que esses processos de desmotivação deste profissional já existiam, mas apenas foram se intensificando com o passar do tempo. Assim, qualquer sentido de reversão no prefixo é anulado neste contexto.

(9) Como os operadores vinham trabalhando já há alguns dias com a hipótese de **desvalorização** mais veloz do real em relação ao dólar, a notícia serviu como uma luva para as especulações.

A nominalização “desvalorização” possui interpretação verbal, pois é possível compreender o contexto como “...a hipótese de que o real desvalorizasse mais velozmente em relação ao dólar...”. Além disso, o complemento “mais veloz” aponta para a existência de um processo. Dessa maneira, a configuração morfológica do vocábulo é resultante da adjunção do prefixo ao verbo para, depois, ocorrer a entrada do sufixo: [[des[valoriza]_v],ção]_s.

O sentido do prefixo “des-”, nesta configuração, é uma reversão de processo visto que o contexto estabelece uma comparação entre as moedas “real” e “dólar”, de maneira que a primeira passa por um processo de reversão de ser valorizada. É verdade que se poderia argumentar sobre a possibilidade de estarmos diante de uma reversão de estado, porém não acredito que seja o caso, pois a estrutura “...vinham trabalhando já há alguns dias...” não deixa dúvidas de que realmente estamos lidando com uma reversão do processo de valorização e não de seu estado.

(10) O ex-deputado federal Benedito Pinga Fogo de Oliveira, 42, pediu ontem à Justiça Eleitoral de Jandaia do Sul (PR) sua **desfiliação** do PDT.

A interpretação desta nominalização é verbal devido à possibilidade de trocá-la por uma forma verbal e formular o contexto “o ex-deputado [...] pediu [...] para desfiliar do PDT”, o que revela a natureza processual/eventual da nominalização em questão, de forma que sua configuração é realizada da seguinte maneira: [des[filia]_v]_vção]_s.

O prefixo “des-” desempenha sentido de reversão de processo, pois o afixo está revertendo a condição de filiado do “ex-deputado federal Benedito”. Além disso, o complemento “ontem” reforça o entendimento da ocorrência de um processo em detrimento de um estado, pois localiza a ação no tempo.

4.2. Nominalização com formação em sufixo (-mento)

(1) A greve dos metalúrgicos também tem como uma das causas o **descumprimento** do acordo da câmara setorial.

Nesta ocorrência, a nominalização prefixada pode ser entendida como uma interpretação nominal ou verbal. Justifico a possibilidade de uma perspectiva nominal uma vez que “descumprimento” pode estar se referindo ao efeito de “descumprir” que resultou na greve dos metalúrgicos. No entanto, acredito que a contraparte verbal desta interpretação, além de possível, seja a mais provável de ser a leitura mais frequente visto que “o descumprimento do acordo” pode ser entendido como o ato/processo de descumprir os acordos. Dessa maneira, a configuração morfológica da palavra pode ocorrer tanto pela adição do prefixo “des” diretamente ao substantivo cumprimento: [des[cumprimento]_s]_s como por meio da adição do prefixo ao verbo para a subsequente colocação do sufixo: [[des[cumprir]_v]_vmento]_s.

No que se refere ao sentido do prefixo, os elementos contextuais apontam para o entendimento de que há evocação de sentido de negação,

pois a palavra “greve” é utilizada como resultado ou processo da falta de cumprimento do acordo estabelecido entre os metalúrgicos e a câmara setorial.

(2) No próprio Ministério das Minas e Energia, há sinais fortes de **descontentamento**, por exemplo, com a atuação do BNDES, gestor do programa de privatização do governo.

A nominalização “descontentamento” possui interpretação nominal uma vez que, neste contexto, ela equivale ao substantivo “insatisfação”. Além disso, o complemento “sinais fortes” reforça a compreensão de um estado. Dessa forma, o contexto poderia ser entendido como “No próprio Ministério [...], há sinais fortes de insatisfação [...]”. A configuração do item lexical se dá por meio da adição do prefixo diretamente ao substantivo verbal, resultando na estrutura [des[contentamento]_s].

Em relação ao sentido do prefixo na palavra “descontentamento”, acredito que ele seja uma negação (simples), pois, novamente, a estrutura “há sinais fortes de” funciona como elemento intensificador do sentido de negação. Além disso, o prefixo em questão poderia ser trocado pelo advérbio de negação “não”.

No entanto, também considero válida a possibilidade de que o prefixo também esteja desempenhando o sentido de uma reversão de estado. Ao considerar o complemento “com a atuação do BNDES”, pode-se inferir que, antes, o estado do Ministério era de contentamento, o que foi revertido por meio da atuação do BNDES. Os dois sentidos podem estar sendo evocados no prefixo, dependendo da leitura, de forma que não há como postular qual das possibilidades é supostamente mais adequada.

(3) O **desconhecimento** da autoria do crime não impede a instauração do inquérito policial: ele tem precisamente a finalidade de apurar a materialidade do fato e a autoria do crime.

Neste contexto da palavra “desconhecimento”, estamos diante de duas possibilidades de interpretação. A interpretação verbal é justificada por meio da substituição de “desconhecimento” pela sua forma verbal no infinitivo. Assim, teríamos, como contexto, “o desconhecer a autoria do crime não impede...”. A palavra nominalizada assume a interpretação de “o ato de desconhecer”.

A interpretação nominal também ocorre, pois a estrutura “o desconhecimento” pode ser entendida como o resultado/efeito desconhecer. Assim, o contexto poderia ser compreendido como “A insciência da autoria do crime não impede...”. Por este motivo, a configuração de “desconhecimento” tanto pode ser realizada a partir da adjunção do prefixo ao verbo, como em [[des[conhece]_v](i)mento]_s, como pela colocação do prefixo diretamente ao substantivo conhecimento: [des[conhecimento]_s].

Em relação ao sentido do prefixo, entendo ser o caso de uma negação, pois o prefixo pode ser substituído pelo advérbio de negação “não”. Dessa maneira, neste contexto de uso, “o desconhecimento” equivale a “o não-conhecimento”.

(4) Cercada por um **desconhecimento** geral no Brasil e envolvida por um modismo em outros países europeus, essa instituição surgiu no processo constituinte como objeto de polêmica.

Em se tratando do vocábulo “desconhecimento”, neste contexto, ocorre a interpretação nominal. A justificativa para esta compreensão se dá pelo fato de que esta nominalização pode ser substituída pela palavra “a ignorância”. Assim, teríamos o contexto “cercada por uma ignorância geral no Brasil...”. Além disso, não há a possibilidade de utilização de nenhuma forma verbal nesta ocorrência, o que corrobora para o entendimento de que não esteja ocorrendo uma interpretação verbal. Por fim, o complemento “cercada por um” reforça uma leitura nominal da nominalização uma vez que essa estrutura pressupõe um estado e não uma ação.

No tocante ao sentido do prefixo “des-” na referida palavra, acredito que ele seja uma negação uma vez que o afixo poderia ser substituído pelo advérbio de negação simples. Além disso, não se poderia pensar em reversão, pois não há nenhuma informação contextual que se refira ao estado anterior de conhecimento no Brasil sobre esta instituição.

(5) Inúmeras tentativas de cessar-fogo fracassam, assim como acordos de **desarmamento** gradual das forças em conflito.

No que diz respeito à interpretação da nominalização, ela apenas apresenta sentido verbal. Entendo, a partir da leitura do contexto, que se pode inferir um processo em que as forças em conflito deixariam de adquirir novos equipamentos bélicos. Além disso, o adjetivo “gradual” funciona como mais uma evidência para a ocorrência de um processo, o que nos leva a entender que a interpretação nominal não seria uma alternativa possível neste contexto já que o referido recurso textual indica um processo/ato. Dessa forma, a interpretação da nominalização, neste contexto, é a verbal, de maneira que o prefixo “des” se coloca ao lado do verbo para depois haver a nominalização, como em [[des[arma]_v]_vmento]_s e seu sentido é uma reversão de processo.

(6) O vibrião do cólera, entretanto, pode sobreviver por longo tempo em alimentos congelados contaminados e neste caso apresentam alto risco se ingeridos crus, após o **descongelamento**.

A nominalização “descongelamento”, a partir da análise do contexto de uso, assume apenas o sentido verbal, embora haja duas possibilidades de leitura da frase. A referência a “alimentos congelados contaminados” implica uma ideia de estado do alimento e não a um processo. Assim, “descongelamento” pode ser entendido como a reversão do estado de congelado. Além disso, também é possível compreender descongelamento como o processo/ato de descongelar, principalmente se for levado em consideração a estrutura “após

o” que pode pressupor tanto o processo de descongelar ou o estado que se resultou subsequentemente a esta ação. Dessa maneira, não há elementos contextuais suficientes que apontem qual leitura seria, supostamente, a mais adequada. De qualquer forma, a nominalização, nestas ocorrências, apenas ocorre a partir da adjunção do prefixo ao verbo para, depois, haver a entrada do sufixo nominalizador, formando a seguinte configuração: [[des[congelar]_v]_vmento]_s. Em relação ao sentido do prefixo, tanto pode ser uma reversão de processo, quando de estado.

(7) A queda da arrecadação, que começou mesmo em dezembro, está assustando os técnicos da Secretaria da Receita Federal por uma razão muito simples: os dados mostram um inequívoco processo de **desaquecimento** da economia, a despeito dos outros indicadores de vendas, que estariam apontando em direção contrária.

A interpretação da nominalização nesta ocorrência seria verbal visto que elementos textuais sustentam este entendimento, como o uso da estrutura “processo de”. Em adição, a oração “está assustando os técnicos da Secretaria da Receita Federal” aponta para a compreensão de que o “desaquecimento” ocorre de forma gradual e processual, o que enfatiza o caráter eventual da nominalização resulta na eliminação da possibilidade de uma interpretação nominal. A configuração do vocábulo “desaquecimento” seria [[des[aquecer]_v]_vmento]_s. Em relação ao sentido desempenhado pelo prefixo, entendo se tratar de uma reversão de processo devido à interpretação verbal da nominalização.

(8) Do exterior, Maluf mandou um basta aos **desentendimento** domésticos do PPR, em torno do apoio do partido à candidatura de Luiz Antônio de Medeiros (PP) ao governo paulista.

A nominalização em questão é de interpretação nominal, pois ela não possui sentido verbal. Além disso, o substantivo “briga” poderia substituir

a referida nominalização sem que houvesse desajuste à compreensão do enunciado e constituir o seguinte contexto “...Maluf mandou um basta às brigas domésticas...”. Assim, a configuração morfológica deste item lexical ocorre a partir da adição do prefixo diretamente ao substantivo: [des[entendimento]_s]. O sentido do prefixo “des”, nesse contexto, é de negação (se usarmos a inferência, seria uma negação por falta). Justifico esse entendimento uma vez que o afixo equivaleria ao advérbio de negação “não”.

(9) Demonstrando um certo **desentrosamento** e um excesso de preciosismo na finalização, os palmeirenses acabaram afunilando as jogadas para o meio.

Entendo que essa nominalização possui interpretação nominal visto que não é possível utilizar uma forma verbal para substituir a nominalização sem haver alteração de sentido no contexto. Assim, “desentrosamento” é entendido como o efeito e não a ação de desentrosar, de maneira que a nominalização, neste contexto, se equivale à palavra “desajuste”. A construção da palavra, dessa forma, seria: [des[entrosamento]_s].

Em relação ao sentido do prefixo, compreendo que se trata de uma negação, pois o complemento “...acabaram afunilando as jogadas para o meio” indica que essa deficiência em progredir as jogadas ocorreu em virtude de um(a) não/falta de entrosamento dos palmeirenses. Assim, descarta-se a possibilidade de uma reversão, pois não há elementos contextuais que indiquem que antes havia entrosamento entre os jogadores.

(10) A preocupação foi evitar o **descasamento** entre a correção financeira do custeio 94/95 com os financiamentos já concedidos (*sic*)

A interpretação dessa nominalização é nominal uma vez que “descasamento” pode ser entendido como “discrepância”, o que resulta no contexto “A preocupação foi evitar a discrepância entre...”. Adicionalmente, o complemento “entre a correção financeira [...] com os financiamentos já

concedidos” apontam para o entendimento de que há um estado de equilíbrio entre as duas ações, o que reforça a interpretação nominal. Em relação à configuração da palavra, ela seria [des[casamento]_s].

Nesta situação, compreendo que o sentido do prefixo como uma reversão de estado. Justifico esse entendimento, pois a estrutura “a preocupação foi evitar” indica que, nesta situação, o valor da correção financeira do custeio e dos financiamentos estavam afins; logo, o objetivo era impedir que houvesse a reversão desse estado.

4.3. Resultados das análises

Conforme visto anteriormente, este corpus é formado por 100 substantivos de ação transparente e os resultados alcançados reafirmam as acepções da negação e da reversão de estado como sendo as mais frequentes uma vez que ambas ocorreram em 42 das 100 palavras deste corpus, o que representa 42% de todos os usos.

A reversão de processo e a oposição possuem um baixo número de recorrência, tendo registrado, igualmente, 12 ocorrências cada em 100 palavras, respectivamente. Assim, tanto a reversão de processo quanto a oposição representam 12% dos usos.

Os resultados estão resumidos no quadro abaixo:

Quadro 1. Frequência das acepções do prefixo “des-”

ACEPÇÕES	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
Negação	42 em 100 palavras	42%
Reversão de estado	42 em 100 palavras	42%
Reversão de processo	12 em 100 palavras	12%
Oposição (enfática)	12 em 100 palavras	12%

É válido destacar que, embora não seja expressivamente majoritária, a acepção de oposição enfática claramente se configura como um mecanismo frequente na utilização do falante de português brasileiro contemporâneo. Naturalmente, o fato de seu uso ser estilístico conseqüentemente faz com que este seja mais restrito, pois sua utilização se dá em situações em que se pretende estabelecer determinado uso expressivo. Por fim, esclareço que há situações em que o prefixo acumulou mais de uma interpretação, conforme pode ser consultado no apêndice.

Considerações finais

A pesquisa sobre o prefixo “des-” no PB é uma temática recorrente, o que resultou na multiplicidade de trabalhos relevantes já existente sobre o assunto. Contudo, uma das discordâncias mais frequentes em relação a este afixo é a gama de sentidos que ele possui. Há, até mesmo, discordância se o “des-” deveria ser ou não considerado uma variante do prefixo “dis”, ou quais tipos de negações e reversões ele viabiliza à palavra que se adjunge.

É importante reconhecer, ainda, a variedade de propostas apresentadas pelas diferentes abordagens linguísticas. Entre elas, destaca-se a proposição da perspectiva gerativa ao estabelecer a hipótese de prefixos homônimos. Mais especificamente, um possui sentido negativo e se adjunge à adjetivos e o outro, cujo sentido é reversativo, se acopla a verbos. Sob esta hipótese, o sentido do afixo só passa a ser reconhecido depois de um processo sintático que primeiro determina a base para, posteriormente, acessar o significado. Essa proposta, em consequência, terminaria com as ambigüidades existentes nas construções dos itens lexicais. Entretanto, em relação a esta contribuição, foram apontadas inconsistências, tais como a ocorrência de verbos na Língua Portuguesa prefixados em “des-”, cujo sentido é negativo em vez de reversativo, o que põe em xeque a postulação de prefixos homônimos, pelo menos nesses casos.

Em se tratando desta pesquisa, parto da concepção de que o prefixo possui natureza polissêmica e, além disso, apenas a partir do acesso ao contexto de uso é que de fato será possível compreender claramente o sentido do afixo. Por este motivo, decidi utilizar o corpus NILC uma vez que ele é composto por ocorrências da língua em uso.

Em relação às contribuições sociais e pedagógicas advindas desta pesquisa, considero que este trabalho pode ser utilizado de forma proveitosa para a exploração das possibilidades de sentidos ativados nas construções lexicais, principalmente em se tratando do ensino de português, em especial para estrangeiros, uma vez que os dicionários tradicionais não costumam fazer referência ao contexto de uso como um elemento determinante para a acepção que será desempenhada pelo prefixo.

Por fim, espero que este trabalho possa colaborar para a compreensão das acepções do prefixo “des-” em uma abordagem da língua em uso. É válido destacar que, pelo fato de este trabalho ter tratado apenas dos substantivos de ação, cujo foco estava na investigação da acepção do prefixo em seu contexto de uso, ainda é necessário aprofundamento para outras questões que, devido ao curto tempo e a extensão deste trabalho, não foram abordadas, tal como a importância do sentido do verbo/nome base para a evocação do sentido do prefixo “des-”. Caberia analisar de que maneira e até que ponto a acepção seria influenciada pela configuração morfológica; além disso, como o conhecimento enciclopédico do falante auxiliaria na ativação do sentido do “des-”. São questões que ainda permanecem em aberto e que certamente se constituem como um interessante objeto de pesquisa para trabalhos futuros.

Referências

ANDRADE, F. G. C. **Polissemia e produtividade nas construções lexicais: um estudo do prefixo re- no português contemporâneo.** (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Departamento de Letras, 2006.

BASÍLIO, M. **Formação e classe de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Teoria lexical**. 8 ed., São Paulo: Ática, 2007.

BEBER, S. T. **Linguística de corpus**. Barueri: Editora Manole, 2004

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CROFT, W. CRUSE, A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C. & CINTRA, L. Cintra. **Gramática do português contemporâneo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DE BONA, C. 2014. **Os prefixos de negação des- e in- no PB: Considerações morfossemânticas**. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre.

_____. RIBEIRO, P. N. Sobre a produtividade e a semântica do prefixo des- no português brasileiro atual. **DELTA. DOCUMENTAÇÃO DE ESTUDOS EM LINGUÍSTICA TEÓRICA E APLICADA (PUCSP. IMPRESSO)**, v. 34, p. 611-634, 2018.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GONÇALVES, C. A. V. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português**. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2011.

HALE, K.; KEYSER, S. J. **On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations**. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. *The View From Building 20*. Cambridge Mass: MIT Press, 1993. p. 53-109.

_____. A. MARANTZ. **Distributed Morphology and the Pieces of Inflection**. In: HALE, K.; KEYSER, S. (eds.). *The View From Building 20*. Cambridge Mass: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Hodder Headline Group, 2004.

LANGACKER, R. **Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar**. New York: Mouton de Gruyter, 1991.

LIEBER, R. **Morphology and Lexical Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LIPKA, L. **An outline of English lexicology** (Lexical Structure, Word Semantics and Word-Formation). Tübingen : Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1992.

MARANTZ, A. **No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon**. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. et al. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, Universidade da Pennsylvania, v. 4.2, p. 201-225, 1997.

MEDEIROS, A. B. Para uma abordagem sintático-semântica do prefixo des-. Revista da **ABRALIN**, vol.9, n.2: 95-121, 2010.

NUNES et al. “**a Construção de um léxico para o português do Brasil: Lições aprendidas e perspectivas**”. In: Anais do II Encontro para o processamento do português escrito e falado (Curitiba, PR, 21-22 de outubro de 1996a), Curitiba: CEFET-PR, p. 61-70.

_____. “**Desenvolvimento de um sistema de revisão gramatical automática para o português do Brasil**”. In: Anais do II Encontro para o processamento do português escrito e falado (Curitiba, PR, 21-22 de outubro de 1996b), Curitiba: CEFET-PR, p. 71-80.

OLIVEIRA, S. M. **Derivação prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro**. Florianópolis: UFSC, 2004. Dissertação de Mestrado.

_____. **Aspectos da Derivação Prefixal e Sufixal no Português do Brasil**. Florianópolis: UFSC, 2009. Tese de Doutorado.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 47^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SANTOS, A. P. 2016. **Morfologia em diacronia – os caminhos e desvios de um afixo na história da língua**: o percurso histórico-semântico do prefixo des- em bases sufixadas e em formações parassintéticas. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

SCHNEIDER, L. & BIDARRA, J. O comportamento semântico do prefixo “des-”: questões de polissemia e produtividade lexical. **Línguas & Letras**, v. 10, n. 18, p. 71-84, 2009.

SILVA, M. C. F.; MIOTO, C. 2009. Considerações sobre a **prefiação**. **ReVEL**, v. 7, n. 12: 1-22.